

**TRAMAR, DESTRAMAR E RETRAMAR: a arte nas montanhas
das Minas Gerais**

Amanda Motta Castro^(*)

DOI 10.14393/CEF-v29n2-2016-17

Resumo

O artigo é um extrato da pesquisa de doutorado sobre o processo pedagógico de ensinar e aprender da tecelagem manual desenvolvido em Resende Costa, cidade localizada nas montanhas de Minas Gerais onde a grande maioria das pessoas sobrevive da tecelagem manual. Neste lugar um dito popular, ouvido muitas vezes durante a pesquisa empírica, revela: “Em Resende Costa, em todas as casas existe um tear”. A economia do município gira em torno das 98 lojas de artesanato. A metodologia da investigação com base em pesquisa participante, foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, observação participante e diário de campo. A análise dos dados foi embasada na hermenêutica feminista. Entre os resultados encontrados, observa-se a formação das tecelãs que se desenvolve pelas mulheres da localidade, sobretudo pelas mãos das mulheres mais velhas, que realizam o repasse, criando, assim, o processo de ensinar e aprender da tecelagem manual e suas invisibilidades.

Palavras-chave: Estudos feministas. Educação popular. Gênero. Formação. Artesanato. Tecelagem.

**TRAMING, DESTRAMING AND RETRAMING: art in the mountains
of Minas Gerais**

Abstract

A result of my Doctoral Dissertation defended in 2015, this paper seeks to analyze how the pedagogical process of teaching and learning hand weaving developed in Resende Costa town occurs. In this small town in the state of Minas Gerais, Brazil, most people live out of hand weaving. In this place, they frequently repeated: “In Resende Costa there is a loom at every home”. In this sense, the economy of the town revolves around its 98 handcrafting stores. Methodology employed based on the participatory research method was carried out with semi-structured interviews, participant observation, and field diary. The data analysis was based on feminist hermeneutics. Among the outcomes, we see the female weavers’ training being developed by local women,

^(*) Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande / FURG. Doutora em Educação pela UNISINOS com bolsa da CAPES e período sanduíche realizado no departamento de Antropolgia da UAM sob orientação da Dra. Eli Bartra. Com o olhar na América Latina, tem-se ocupado em pesquisar os processos de produção do conhecimento de mulheres artesãs, buscando analisar a complexidade dessas aprendizagens articulando Educação Popular, Estudos Feministas, Formação, Trabalho e Educação de Jovens e Adultos. E-mail: amanda.motta@furg.br.

Texto recebido em: 18/06/2016. Texto aprovado em: 20/11/2016.

mainly by the hand of older ones that pass around their knowledge and, thus, creating a process of teaching and learning of hand weaving and their invisibility.

Keywords: Feminist Studies. Popular Education. Genre. Training. Handicraft, Weaving.

Tramar: A arte entre as montanhas mineiras

Fios sendo tramados. Resende Costa/MG/BR



Fonte: acervo da pesquisadora, 2012.

Resende Costa¹ situa-se no estado de Minas Gerais. Neste município é comum o seguinte dito popular: “Em Resende Costa, em cada casa existe um tear”. Esse dito é um fato quando se pisa no lugar geográfico onde se é acordado com o barulho dos teares.

Resende Costa é um município da Região das Vertentes, criado em 30 de agosto de 1911. Tem área total de 631.561 km² e está localizado a 186 km de Belo Horizonte.

Na primeira metade do século XVIII, ergueu-se um rancho para abrigar tropeiros e viajantes. Essa movimentação de viajantes deu origem ao povoado de Lajes, hoje chamado de Resende Costa. Em 1749, construiu-se a Capela Nossa Senhora da Penha de França e se estabeleceram oito casas, entre elas a do Inconfidente José de Resende Costa.

¹ Informações obtidas no arquivo de Resende Costa, durante pesquisa empírica no mês de julho de 2011 e disponíveis em: <<http://www.camaraderesendecosta.mg.gov.br/>>. Acesso em: 4 set. 2009.

No início, a pequena população dedicava-se ao plantio de gêneros alimentícios e à criação de gado. Em 1912, o então povoado de Lajes ganhou sua autonomia como município, recebendo o nome de Resende Costa como homenagem aos inconfidentes (pai e filho) que viveram ali no início do povoado. Hoje o município vive predominantemente do artesanato têxtil, confeccionando principalmente peças para a casa. Segundo dados do IBGE de 2010, sua população é de 10.941 habitantes.

Assim como na maioria do estado de Minas Gerais, Resende Costa foi colonizada por portugueses. No município há uma biblioteca municipal que empresta livros para a comunidade. Ali não existe cinema nem teatro. A cidade conta com três semáforos, dois postos de gasolina, três pousadas, uma praça, duas farmácias, uma comunidade religiosa da Igreja Católica, uma outra da Igreja Assembleia de Deus, dois mercados e 98 lojas de artesanato. Em Minas Gerais a participação no artesanato dos fios também é predominantemente de mulheres.² Porém, no início da década de 1980, o pequeno município mudou a tradição: em Resende Costa, homem também tece.

Com sua pequena população, os homens de Resende Costa iam trabalhar na capital mineira ou paulista e, frequentemente, ficavam fora por longos períodos, distantes de suas famílias. As mulheres permaneciam em casa, trabalhando nos afazeres domésticos, na criação dos filhos e filhas e na tecelagem manual. O trabalho nos teares manuais de Resende Costa faziam com que elas vestissem suas famílias e criassem peças para a casa, como colchas, tapetes e toalhas. Também era parte do trabalho das mulheres ensinar às filhas as técnicas dos teares para que estas reforçassem o sustento da família. A tecelã Azul³ explica:

O problema é que não tinha trabalho aqui em Resende Costa. Os homens iam embora e nós ficávamos sozinhas cuidando de tudo por aqui. A gente ficava sem notícia, não tinha telefone e essas coisas que agora a gente tem. Mas, mesmo se tivesse, acho que nós íamos começar a ensinar os homens a tecer porque aí fica a família toda junta e perto e fica bom. (Tecelã Azul, durante entrevista em julho de 2011).

² Afirmação feita com base na pesquisa empírica e durante a realização do estado da arte. No sul de Minas, onde há uma forte presença da tecelagem, são quase exclusivamente as mulheres que tecem. (MEDEIROS, 2002; DUARTE, 2002).

³ Sabe-se que a discussão acadêmica sobre a citação verdadeira dos nomes das pessoas pesquisadas é longa e divide opiniões. Nesta investigação optou-se por identificar as pessoas que compõem esta pesquisa por cores e não pelos nomes verdadeiros. Esta decisão orienta-se pelos escritos de Wivian Weller (2010, 2011). De acordo com esta autora, o nome verdadeiro das pessoas com as quais se realizam pesquisas não deve ser colocado em trabalhos acadêmicos. As pessoas podem mudar de opinião, de profissão, de vida. Desse modo, podem não querer a publicação de alguma coisa do que eram no passado. A autora que fez sua Tese de Doutorado com jovens negros em São Paulo e jovens Turcos na Alemanha entende que o nome e histórias de vidas devem ser preservados como um ato de respeito à vida das pessoas que cooperam com nossas pesquisas.

Assim, em Resende Costa, o trabalho de tecer nasce da necessidade cotidiana de cuidar da família e é ampliada pela imprescindibilidade de que os homens tivessem trabalho perto de suas famílias. Aqui, cada família desenvolve seu artesanato, geralmente no fundo de suas casas, e realiza a venda em lojas organizadas na frente de suas casas, por encomenda, ou ainda dentro de suas casas, em geral na sala.

No início da década de 1980, a ação das mulheres de ensinar a tecer, não somente às suas filhas como também aos homens, criou um município onde a principal fonte de renda é a tecelagem manual, seja pela venda das peças produzidas nos teares, seja pelo trabalho direto nos teares ou no comércio local para atender turistas. A venda de tecelagem atrai turistas de norte a sul do Brasil que lotam as ruas do pequeno município nas montanhas de Minas Gerais.

Metodologia

A opção metodológica escolhida para esta investigação baseia-se na pesquisa participante.

A pesquisa participante surgiu em 1960, num contexto de lutas sociais, por iniciativa de pesquisadores e pesquisadoras, especialmente da América Latina, envolvidos com projetos de pesquisa social. Naquele contexto, ela visava à aproximação entre os/as pesquisadores/as e as pessoas inseridas na dura realidade que queriam transformar. Dessa forma, a pesquisa participante passou a existir como contraponto e alternativa teórico-metodológica aos modelos de ciências sociais de herança positivista e funcionalista, oriundos principalmente da América do Norte. (BRANDÃO, 1986).

Participação é uma categoria muito trabalhada por Paulo Freire,⁴ sobretudo nas obras *Política e Educação* (2001), *A educação nas cidades* (1991) e *Educação e Mudança* (2008). Para Freire (2003), a participação pode ser entendida como exercício de voz, de ter voz, decidir, exercitar a cidadania e lutar por transformação social e emancipação.

⁴ Utilizo o nome e sobrenome do/a autor/a na primeira citação. Nas citações seguintes, os/as autores/as passam então a ser mencionados apenas com o último sobrenome. Seguimos a orientação formal da Revista Estudos Feministas de citar o nome completo, como uma forma inclusiva de perceber a produção científica. Paulo Freire faz referência à importância do lugar da linguagem inclusiva após ser criticado por sua linguagem machista por feministas norte-americanas que leram sua principal obra – *Pedagogia do Oprimido* (1964). Freire admite seu machismo e retoma esta questão na *Pedagogia da Esperança*, publicada em 1992 (2003, p. 67). O autor passa então a utilizar uma linguagem inclusiva.

É dentro desse contexto que se constrói a pesquisa participante: “A participação popular é a ferramenta capaz de romper com a tradição de sociedade elitista excludente” (FREIRE, 1991, p. 16). Nas palavras de Brandão (1986, p. 43), “A pesquisa participante deve ser praticada como um ato político claro e assumido”.

Para que este movimento aconteça, é fundamental a entrada e participação do pesquisador ou pesquisadora junto à comunidade pesquisada:

Ao invés de se manter distância entre o pesquisador [sic] e o grupo que vai ser examinado, tal como se exige nas ciências sociais tradicionais, a Pesquisa Participante propõe-se à interação. (GAJARDO, 1986, p. 32).

A observação participante, também utilizada nesta pesquisa, foi muito desenvolvida pela Antropologia, sendo retomada na Educação Popular por meio dos estudos realizados por Brandão (2003). Tal metodologia leva a partilhar o cotidiano, o que se entende como sendo importante nesta pesquisa. A esse respeito, Brandão (2003, p. 293) o autor menciona:

A observação participante, que obriga à partilha da vida do/com o outro [sic], e que nos envolve e faz se completarem estratégias (ou técnicas, se quiserem) de coleta de dados, como registro etnográfico em diários de campo, a entrevista, a história de vida, a exegese do visto e do ouvido.

Hernaldo Vianna (2007) destaca que a observação participante é frequentemente usada em pesquisas qualitativas e tem como objetivo a observação tanto teórica como prática sobre a cultura, com base nas realidades da vida cotidiana. O mesmo autor afirma que a observação participante é uma atividade que envolve simultaneidade, porque combina entrevistas, participação direta, observação e introspecção e análise documental.

A observação participante permeou todos os momentos da pesquisa empírica, isso porque observar, conversar, ver, reparar e aprender juntamente com as mulheres fez parte deste estudo. Assim, a observação participante permitiu transitar no cotidiano da tecelagem com conversas informais, observação, fotografias e filmagens. Após cada inserção, foi feito o registro da coleta num diário de pesquisa.

Além disso, utilizou-se a metodologia de entrevista individual que, assim como a observação participante, também é bastante usada em pesquisas qualitativas.

Segundo Rosalia Duarte (2004), entrevistas são fundamentais quando há necessidade e/ou desejo de mapear práticas, crenças e valores. Diante disso, entende-se que essa metodologia é fundamental. A esse respeito, Minayo (2002, p. 57) afirma:

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador [sic] busca obter informes contidos na fala dos atores [sic] sociais. Ela não significa uma conversa despretensiosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores.

É sabido que a entrevista requer boas entrevistadoras para que, de fato, se tenha a possibilidade não apenas de ouvir, mas fazê-lo de forma ativa, isto é, ouvir atentamente. Desse modo, demonstrou-se interesse na fala da entrevistada e participou-se da entrevista com gestos que evidenciavam que a entrevistada estava sendo ouvida. Sobre isso, José Magnani (1986, p. 97) destaca:

Além de ouvir, o pesquisador [sic] precisa ficar atento às expressões utilizadas pelo entrevistado [sic], pois ele pode simular palavras e conceitos que não são utilizados no seu dia a dia, tentando mostrar aquilo que ele acha que o entrevistador [sic] quer ouvir. É por isto que nem tudo deve ser entendido como verdade, mas pode e deve ser analisado frente aos demais discursos e conceitos que embasam o trabalho.

Com base nessa afirmação, esta investigação integra a observação participante e entrevistas individuais, fotografia e diário de campo, buscando a escuta sensível e a observação atenta para os movimentos da empiria que vão para além da palavra. Sabe-se que não apenas o que é dito constitui uma pesquisa, mas também o que não é dito. (NEUENFELDT, 2005, 2008).

A formação de tecelãs das Minas Gerais

De acordo com Peter Alheiti e Bettina Dausien (2006), o conceito de formação ao longo da vida continua um conceito mal definido:

Que nós aprendemos durante toda a nossa vida, é evidente. Desde nossos primeiros passos e de nossas primeiras palavras até a nossa idade mais avançada, fazemos experiências novas, adquirimos novos saberes e novas competências. Somos quase tão inconscientes do modo que temos de aprender, quanto do fato de respirarmos. (ALHEITI; DAUSIEN, 2006, p. 2).

Assim sendo, explicar em palavras o processo que ocorre nos teares de Resende Costa provavelmente não é algo simples. É provável que exista certa dificuldade porque os processos de aprender e ensinar – logo, o processo de formação – exigem tanto o ato de explorar como o de conhecer. Nas palavras de Gebara (1997, p. 57), “conhecer é antes de mais nada experimentar e nem sempre se consegue traduzir em palavras o que se experimenta”.

Em Resende Costa, não há uma Escola formal de tecelagem, não há cursos de aperfeiçoamento e não se tem uma instituição formal de ensino que “forme”, “capacite” ou “aperfeiçoe” as pessoas para o trabalho da tecelagem. Todavia, existem pessoas altamente capacitadas no trabalho com os fios neste lugar. Encontraram-se pessoas que sabem fazer todo o processo para uma peça ficar pronta e, na maioria dos casos, têm pessoas que somente tecem, o que de fato é a maioria.

Em muitos casos, ao se perguntar para as pessoas: “Com quem você aprendeu a tecer?”, foi muito comum ouvir: “Aprendi sozinha/o”. Contudo, ao longo das entrevistas, é como se as pessoas se dessem conta de que não era isso o que acontecia: alguém as ensinou. Aí então iniciavam a contar as histórias da “formação” dos teares, num município onde realmente parece que “todo mundo nasceu sabendo fazer isso”, “ou que aprenderam sozinhas/os”.

O fato é que, das 45 entrevistas realizadas, além de várias outras conversas realizadas durante as observações participantes e conversas informais pelas ruas, apenas uma pessoa disse que não aprendeu a tecer com uma mulher. O restante afirmou que ter aprendido com as mulheres da família (mãe, tia, avó, prima). Além das mulheres da família, outras mulheres também ensinam, como as vizinhas, amigas e comadres. Na grande maioria das vezes, o ato de ensinar foi realizado simultaneamente com o trabalho doméstico.

Sem certificação, carga horária, planos de aula, currículo, estágios ou créditos obrigatórios a cumprir, as mulheres ensinam. As meninas da família eram ensinadas desde criança; batiam o tear um pouco, e foram ensinadas como deveriam, ajudando a fazer os arremates finais nos tapetes no início da noite. Aprenderam da mesma forma a importância das cores e como combiná-las para que as peças ficassem bonitas e harmoniosas. Dessa forma, adquiriram habilidades fundamentais para a tecelagem. Elas cresciam e já sabiam que iam casar e tecer; além disso, com este trabalho, ajudariam a manter a casa, tendo assim menos despesas, pois a parte de toalhas, colchas, almofadas, mantas e tapetes elas mesmas faziam para seus lares.

O tempo passou, e as mulheres foram criando e adaptando seu “currículo”. As novas aulas também ocorreram durante os afazeres domésticos. Contudo a ideia central agora era que as meninas crescessem, fossem para a escola, aprendessem a tecer e vendessem os seus produtos para ajudar na renda de casa.

O tempo passou e novamente as mulheres adaptaram seus “currículos”. Como o trabalho era escasso no município e arredores, elas começaram a ensinar os homens a tecer. Agora as aulas não necessariamente eram feitas durante os afazeres domésticos. Os homens não queriam ficar esperando que as mulheres limpassem a casa e depois fossem ensiná-los a tecer. Assim, as mulheres tinham geralmente um horário estipulado e já determinado com os homens o tempo que iriam dedicar a ensiná-los a tecer.

Passaram-se mais alguns anos e, novamente, as mulheres adaptaram seus “currículos”. Dessa vez, o foco principal não era de que as pessoas da família aprendessem a tecer, mas o principal empenho está em incentivar as pessoas da família a estudar. Tecer e estudar, para que assim tenham um trabalho garantido e com garantias para o futuro. Isso porque, para quem trabalha na tecelagem, o futuro é um tanto incerto.

O conhecimento em Resende Costa é, de fato, partilhado. Se alguém quer aprender algo que não sabe, ele vai até a casa da Dona Tal, que mora em tal rua: é só perguntar, que ela ensina. O que aqui existe é boa vontade de ensinar e compartilhar o que se sabe.

Por meio de suas experiências, as mulheres criaram um processo de formação nos teares de Resende Costa, uma experiência vinda das mulheres de suas famílias. Na estada em Resende Costa, não se viu o trabalho da tecelagem invisibilizado, mas sim o processo de ensinar e aprender desta técnica. Algumas vezes, durante as entrevistas, as pessoas respondiam à pergunta: “Como você aprendeu a tecer?” A resposta imediata era: “Aprendi sozinha/o”. No entanto, quando se perguntava novamente, histórias bonitas das mulheres da família eram lembradas e retomadas. Algumas já estavam mortas, outras tinham mais de 80 anos. O fato é que a experiência dessas mulheres foi fundamental para o que, hoje, é a principal fonte de renda do município: a tecelagem.

A maioria começou muito cedo a ver a experiência das mulheres, conforme fala da tecelã de 74 anos:

Ah, eu já vim de experiência da minha mãe, porque como ela já tem os antepassados dela que sempre mexeu com este trabalho, aí começou ela a me ensinar... Eu tinha lá 13, 14 anos e ela dava como função tem que começar a aprender. Aí nosso ganha pão e desde os meus 14 que eu também vim mexendo e até hoje eu estou neste ramo, minha vida foi né. Hoje eu teço pouco né, porque estou velha, mas

ainda teco e também vendo aqui em casa. (Tecelã Azul durante entrevista, julho de 2011).

Na obra de Freire, a experiência (assim como a utopia, o diálogo e a esperança) é uma categoria importante de análise, pois é a partir da experiência que se constroem saberes. (MOLINA, 2008). A experiência das mulheres em Resende Costa desencadeou um processo de formação em massa; de fato, é impressionante a formação feita por essas mulheres. No início, elas realizavam todo o processo da tecelagem.

Eu aprendi assim com a minha mãe, ela fazia tudo do campo. Assim tinha uns no anil, tinha aqueles potes grandes, sabe. Aí me empilhava aqueles grão um em cima do outro na água daí a cor era linda era azul marinho linda... e não desbotava e tinha umas folhas no campo que se chamavam cores minha. Aí nos banhava tudo e botava em saco as lã, nós desfiávamos. Aí tingíamos de amarelinho... Hoje tudo vem de fora, é tudo mais fácil. Hoje o povo do artesanato é um povo que sabe tecer, mas o povo sabe tecer colcha de retalho vai lá...Tudo, tudinho como nós fazíamos não se faz mais, mas eu ainda sei fazer. (Tecelã Azul Turquesa durante entrevista, julho de 2011).

Ao ser indagada sobre o processo de tecelagem hoje, no município, a tecelã Preta disse: “A tecelagem acaba mesmo sendo das mulheres mais antigas; é das antigas porque as mulheres que começaram, as velhas aqui da cidade sabe fazer tudo! Urdi, fia, tingir, tecer! Sabem tudo, sabem muito!” (Tecelã Preta durante entrevista, julho de 2011).

Na fala das tecelãs, a experiência do início não mais existe; para elas, existe uma partilha de dor, tristeza e nostalgia dos tempos que não voltam mais. Contudo, ao mesmo tempo elas compreendem visivelmente que, hoje, não é mais possível a realização de toda a experiência que têm, porque a vida hoje está mais cara. Há muita gente fazendo tecelagem; logo, o trabalho precisa ser mais rápido, porque tempo em Resende Costa é literalmente dinheiro.

Ah, eu fazia tecelagem de verdade. Ó nós batia, guardava algodão e nós empalhava algodão, nós desfiava, e tecia com o próprio algodão. Hoje, não. Hoje, é muito mais fácil, hoje vem tudo pronto aí fora, e nos tinha que ir com o artesanato mesmo, a lã do carneiro. Papai tinha carneiro; nós desfiava, cortava a lã do carneiro, lavava, desfiava, guardava teia e depois que ia tecer, as coisa era artesanato mesmo de lã de carneiro. (Tecelã Azul durante entrevista, julho de 2011).

Todavia, com nostalgia, as tecelãs falam das experiências de fazer suas próprias coisas, do que, segundo elas, pouco ainda existe:

[...] lá onde que eu morava na roça, né e lá as minhas tias que sabia tecer... Aí eu falava que queria aprender porque eu queria muito colcha na minha cama. Aí eu falei assim: “Vou aprender a tecer porque eu quero muito colcha na minha cama”. Aí a minha tia me ensinou, que é casada com irmão do meu pai. Aprender, eu queria aprender a tecer pra fazer colcha pra mim. (Tecelã Verde Fosco durante entrevista, julho de 2012).

A tecelã Dourada comenta sobre a experiência de tecer quando ainda era jovem e o processo nos dias de hoje:

De primeiro a gente, hoje quem vai tecer você já acha tudo pronto no tear, você já leva ali chega aqui você só emenda. E nós já tínhamos que lavar lã de carneiro, suja, fedendo, tinha que lavar deixar de molho pisar em cima, lavar tudo depois por para secar depois você tinha que cardar aquelas coisas de cardar, depois tinha que enfiar na roda. Aí depois você tinha que fazer até da uma bolha e fazer uma meada dela. Depois você tinha que tingir para você tecer. Hoje é fácil, hoje [...] (Tecelã Dourada durante entrevista, julho de 2012).

Sobre a seriedade de um conhecimento vindo das margens, as tecelãs estão de acordo em que o conhecimento que elas têm e dominam vem da experiência de uma vida longa e trabalhosa. (DEIFELT, 2002). Não obstante, as mulheres pontuam que este conhecimento importa a muita pouca gente. Em entrevista, a tecelã Dourada conta:

Uma vez eu estive em São Paulo eu e mais duas pessoas, nós estivemos lá onze dias. Um colégio nos convidou, para explicar a tecelagem. Aí lá neste colégio estudavam 20 mil alunos todos filhinhos de papai que gastam, aí cada professor foi buscar uma coisa em muitos estado. Aí em Minas Gerais foi o tear. Aí levamos tear e tudo, faz muitos anos isso aí, os alunos compraram e bateram fotos, mas ninguém ali quer aprender isso aqui que a gente sabe. Eles vão ser medico e advogado, não vão ficar batendo tear, então é bonito, mas ninguém quer saber fazer e ninguém quer conhecer muito bem, só comprar e deu. (Tecelã Dourada durante entrevista, julho de 2011).

Entretanto, mesmo não sendo algo socialmente “importante”, e as tecelãs da cidade têm a total compreensão disso. Elas declaram que

é bom, é muito emocionante a gente ensinar assim as coisas que a gente sabe né?! Aí é bom passei para minha filha, minha neta eu tenho uma neta que está com 17 anos ela já está começando a tear. (Tecelã Violeta durante entrevista, julho de 2011).

A singularidade da experiência das tecelãs como formação é percebida nos detalhes e nas histórias, nas cores e combinações que saem de Resende Costa, tanto para o estado de Minas Gerais como para o Brasil. E elas continuam formando, na improvisação de uma educação pensada em outros espaços, criando possibilidades, inovando didáticas, adaptando teares e colocando Resende Costa na parada obrigatória para a compra de artesanato de boa qualidade. Muito pouco percebido é o fato de que, entre os fios e tramas no pequeno município, entre as montanhas de Minas Gerais, existe uma experiência de criação e formação.

Durante a empiria, duas perguntas-chave subleavam esta pesquisa: a primeira era “*Como você aprendeu a tecer?*” E a segunda: “*Como você se tornou tecelã?*” Ambas de cunho pedagógico, resultaram em sua maioria respostas como: “Não sei”, “Não me lembro”, “Humm... Sei não”, “Olhando”, “Sozinha/o”. Mas a entrevista seguia e várias vezes essas perguntas eram refeitas. Assim, obtiveram-se algumas respostas:

A mamãe tecia, aprendi assim. Essa aqui foi à primeira lã que eu teci, é pura lã. Veio uma menina pra tecer pra mim, que aconteceu de eu não conseguir tecer mais, aí fico um ano na casa dela, aí fui buscar minha lã. (Tecelã Lilás durante entrevista, julho de 2011).

O ensinar e aprender como forma de partilha de saberes faz acontecer, em Resende Costa, uma educação que ultrapassa a família. A tecelã Azul contou que ensina todas as pessoas que pedem para aprender, e foi assim que já perdeu as contas do número de pessoas que ensinou. Durante uma das entrevistas, ela diz: “Eu ensinava muita gente, umas trezentas pessoas eu já ensinei a tecer”. (Tecelã Azul durante entrevista, julho de 2011). Em uma manhã ensolarada, estava-se entrevistando mãe e filha, ambas tecelãs. Em um dado momento, foi feita a pergunta: “*Mas a senhora está percebendo que você aprendeu com a sua mãe?*” Ela parou, olhou para a mãe e disse: “*Graças a Deus! Obrigada mãe!*” Este é o processo que Brandão (2007) teoriza ao afirmar que nenhuma pessoa escapa da educação, sendo ela formal ou não.

Minha filha, eu teço a 50 anos, minha avó tecia a minha bisavó tecia, a minha mãe que ensinou nós todos, eu aprendi com a minha mãe e ensinei minhas filhas, e agora minhas filhas estão ensinando os filhos delas, a gente desde, mãe para filha, sabe. (Tecelã Vermelha durante entrevista, julho de 2011).

Resende Costa tem escola de Educação Básica; as universidades distam 60 km, na cidade de São João Del Rei. A Educação formal das pessoas que fizeram parte desta pesquisa é baixa. Na maior parte das 45 entrevistas, 32 pessoas não terminaram o Ensino Fundamental, 9 pessoas terminaram o Ensino Médio, e 4 pessoas estão no Ensino Superior. Em geral, perguntou-se nas entrevistas: “*Você conhece alguma escola, algum curso que dê aula de tecelagem?*” De imediato, a resposta era: “Uai, não!”, “Tem não”, ou ainda: “Não tem não, se você precisa de alguém pra tecer e se não sabe você ensina e ela vai trabalhando”. (Tecelã Cinza Escuro durante entrevista, julho de 2011).

Durante a empiria, soube de uma iniciativa de educação formal que visava o ensino da tecelagem: o projeto Mestre do Futuro.⁵ Esse projeto buscava a qualificação de adolescentes de classes populares. Uma das tecelãs mais experientes do município foi chamada para ministrar aulas para os jovens.

O prefeito falou com eles, foi lá e falou, isso é um futuro, como o nome do nosso projeto é Mestre do Futuro, porque nós vamos passando a hora que eles vierem, é eles que têm que ficar nesse lugar. O problema é que eles não querem aprender isso aqui, deveria ter então um curso que ensinasse para quem quer aprender. (Tecelã Amarela durante entrevista, julho de 2012).

A tecelã deixa um recado para quem trabalha na área educacional: Quando vamos pensar uma educação que considere a experiência de vida das pessoas? Obviamente, isso já foi tema dos escritos de Freire (2001, 2003). Entretanto, ainda não se está fazendo isso. A educação formal precisa urgentemente colocar na pauta, sobretudo dos cursos técnicos, a formação e qualificação do artesanato, pois há inúmeras pessoas que vivem deste trabalho.

Durante a escuta junto às pessoas que trabalham na tecelagem, foi possível perceber que as mulheres, principalmente, gostariam de retomar seus estudos; entretanto, elas não veem sentido algum nos conteúdos da escola. A tecelã Azul Escuro, de 32 anos, explicou por que não pretende voltar para a escola: “Ah não, estudar para

⁵ O projeto “Mestres do Futuro – Estrada Real” teve aprovação do Ministério da Cultura através da Lei de Incentivo a Cultura, é uma realização da Kavantan – Projetos e Eventos Culturais, e conta com o patrocínio da Transmissoras Brasileiras de Energia (TBE) e apoio da Prefeitura Municipal de Conselheiro Lafaiete através da Secretaria Municipal de Cultura. O projeto selecionou 177 municípios que fazem parte do complexo de caminhos que compõe a Estrada Real, para oferecer oficina a jovens carentes, visando a transmissão de conhecimento. Disponível em: <http://www.conselheirolafaiete.mg.gov.br/noticias/2012/03/13_005.php#sthash.RkUEf7cH.dpuf>. Acesso em: 3 ago. 2013.

quê? Pra ter diploma e ficar guardado? A escola não ensina o que eu preciso”. (Entrevista em julho de 2012). A pergunta, então, foi refeita: “*E se a escola ensinasse coisas da tecelagem: técnicas, criação, combinação de cores?*” Ela mais que depressa me respondeu: “Aí sim, com certeza, uai, aí era outro caso. Aí tinha porque ir na escola, a escola ia me ajudar”. (Entrevista em julho de 2012).

Tem-se acompanhado o importante movimento dos Institutos Federais,⁶ sobretudo por intermédio do programa Mulheres Mil,⁷ no sentido de propor cursos de artesanato. Talvez essas iniciativas abram novos horizontes na educação profissional, no campo do artesanato no Brasil.

Retramar

Fios no tear. Resende Costa/MG/BR

⁶ A história da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica começou em 1909, com a criação de 19 escolas de Aprendizes e Artífices que, mais tarde, deram origem aos Centros Federais de Educação Profissional e Tecnológica (Cefets). Em 2008, o então presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, através da lei n. 11.892, de 29 de dezembro de 2008, criou a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica em todos os estados brasileiros, oferecendo cursos técnicos, superiores de tecnologia, licenciaturas, mestrado e doutorado. Disponível em: <<http://redefederal.mec.gov.br>>; <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11892.htm>. Acesso em: 5 jun. 2014.

⁷ O programa Mulheres Mil está inserido no conjunto de prioridades das políticas públicas do governo brasileiro, especialmente nos eixos promoção da equidade, igualdade entre sexos, combate à violência contra mulher e acesso à educação. O programa também contribuiu para o alcance das Metas do Milênio, promulgadas pela ONU em 2000 e aprovadas por 191 países. Entre as metas estabelecidas estão a erradicação da extrema pobreza e da fome, a promoção da igualdade entre os sexos, a autonomia das mulheres e a garantia da sustentabilidade ambiental. Integrado a essas prioridades, o Mulheres Mil busca promover, até 2010, a formação profissional e tecnológica de cerca de mil mulheres desfavorecidas das regiões Nordeste e Norte. A meta é garantir o acesso à educação profissional e à elevação da escolaridade, de acordo com as necessidades educacionais de cada comunidade e a vocação econômica das regiões. Estruturado em três eixos – educação, cidadania e desenvolvimento sustentável –, o programa possibilitará a inclusão social por meio da oferta de formação focada na autonomia e na criação de alternativas para a inserção no mundo do trabalho, para que essas mulheres consigam melhorar a qualidade de suas vidas e das de suas comunidades. Disponível em: <<http://mulheresmil.mec.gov.br/>>. Acesso em: 5 jun. 2014.



Fonte: acervo da pesquisadora, 2012.

A pergunta que feita inicialmente e que gerou parte da pesquisa que aqui se buscou socializar foi: *Como ocorre o processo pedagógico de ensinar e aprender a tecelagem manual em Resende Costa, realizado pelas mulheres?* Esta pergunta levou a uma análise do processo de ensinar e aprender da tecelagem manual em seu contexto histórico: o cotidiano das mulheres.

A suspeita principal deste estudo é de que, entre os fios, existem processos, conhecimentos, técnica, estética e complexidade. Pensa-se que, por ser uma produção feminina, a sua complexidade dá lugar ao invisível e à desvalorização.

Nesse conjunto de questões, objetivos e suspeitas, posso dizer que as descrições que se conseguiu produzir ao longo deste texto concretizam diversos aspectos pedagógicos que podem ser compreendidos como caminhos de ensinar e aprender a fazer.

Ao fim da pesquisa que originou este artigo, conclui-se que o processo de ensinar e aprender da tecelagem manual é realizado pelas mulheres no cotidiano privado. Os ensinamentos sobre a tecelagem são passados de mãe para filha através das gerações, num processo de formação que é composto pelas experiências e pelo desejo de partilhar. Esse processo tem como ponto de partida a experiência adquirida ao longo da vida. O compartilhar do conhecimento das mulheres de Resende Costa foi além dos muros das casas que, geralmente em Minas Gerais, são altos.

Um dos principais papéis reservados à educação consiste em potencializar a humanidade da sua capacidade de traçar caminhos para o seu próprio desenvolvimento. Nesse sentido, o estudo proposto em Minas Gerais contribuirá para a visibilização do trabalho privado e público das mulheres.

Quando os homens são ensinados pelas suas mulheres a tecer, em meados da década de 1980, foi a falta de trabalho e as constantes saídas desses homens o que ocasionou essa movimentação entre as mulheres de Resende Costa. Dessa forma, o processo de ensinar saiu da casa onde as mulheres ensinavam suas filhas. Por falta de trabalho para os homens, as mulheres literalmente ensinaram quase uma localidade inteira a tecer e, por intermédio delas, se desencadeou um processo de desenvolvimento. No entanto, o que se vê em Resende Costa é que as mulheres, em sua grande maioria, ainda permanecem as mais pobres, isso porque têm menos produção do que os homens e permanecem no espaço privado, conciliando o duplo trabalho: doméstico e têxtil.

O processo de ensinar é invisibilizado tanto pelas pessoas que vivem na *cidade dos teares* como pelas inúmeras pessoas que transitam por esse lugar para comprar.

Se o processo de ensinar da tecelagem é invisível, o processo de trabalho com os fios é visível. No trabalho diário da tecelagem, trabalham homens, mulheres e meninas adolescentes. É um trabalho que todo mundo vê e cujo produto todos compram. Porém é um trabalho mais desvalorizado quando feito por mulheres. Nas observações feitas, viu-se que enquanto as mulheres trabalham conciliando tecelagem, trabalho doméstico e cuidado com os/as filhos/as e familiares em geral, elas tecem em casa, fazendo um movimento simultâneo, um movimento nada simples, que não é realizado pelos homens, esses mesmos homens que se dedicam exclusivamente ao trabalho de tecer.

A tecelagem para os homens é profissão, coisa séria, e eles não gostam de ser importunados durante o processo de trabalho com os fios. A grande maioria dos homens tece no quintal de casa ou no fundo das lojas. Todos os homens entrevistados são aposentados do primeiro trabalho, isso porque seguiram pagando o INSS para garantia de direitos trabalhistas.

Eles também tecem e são os principais donos das lojas de artesanato ou trabalham com outros processos de comercialização de produtos para tecelagem, como a venda de retalhos vindos de Santa Catarina, que são transformados em fios e com os quais se fabricam os tapetes. Os homens também são os responsáveis pela manutenção dos teares.

A precariedade do trabalho artesanal pode ser verificada na força com que as mulheres do lugar desta pesquisa buscam tirar, principalmente suas filhas, deste trabalho. Todas as entrevistadas afirmaram que gostam da tecelagem, que gostam de tecer e que acham bonito e útil que as filhas aprendam a tecer. Contudo não querem que permaneçam no tear porque, segundo elas, é um ofício em que se trabalha muito, se ganha pouco dinheiro e se adocece bastante.

Para Bartra (2008), é preciso reverter a dupla marginalização intelectual da arte popular. Para essa autora, “el arte popular es considerado de segunda, elaborada por gente también de segunda” (BARTRA, 2008, p. 12). A autora argumenta ainda que a atividade criativa desenvolvida pelas mulheres na arte popular é apenas mais uma das muitas produções das mulheres que ficam invisíveis. Afirma que a arte desenvolvida pelas mulheres é tão invisível quanto o trabalho doméstico realizado diariamente por elas no cotidiano. (GEBARA, 2008).

Para o feminismo, o privado é político e o trabalho diário de fazer esse movimento – politizar o privado – é uma das formas de reverter a marginalização do trabalho desenvolvido pelas mulheres. A partir desse reconhecimento, é possível afirmar que “a lo largo de la historia de la humanidad las mujeres estábamos ahí, inteligentes, activas, compasivas y creativas”. (HIERRO, 2007, p. 15). Essas mulheres continuam realizando suas criações, mesmo que o trabalho delas fique na total invisibilidade, desvalorização e precariedade.

Desse modo, entende-se que os deslocamentos aqui realizados, além de sistematizarem o processo de formação das mulheres de Resende Costa, contribuem para se sair da priorização do sexo masculino para a igualdade entre homem e mulher.

O caminho invisível trilhado pelas mulheres no campo do artesanato e sistematizado por pesquisadoras, tanto dos Estudos Feministas como da Educação Popular, vem fazendo uma retomada encantadora e com muitos desafios.

Dessa forma, com base neste diálogo – Educação Popular e Estudos Feministas – realizado nessa investigação entende-se que não existe saberes maiores, mais importantes ou significativos, mas saberes diferentes (FREIRE, 2001, 2003) e que sua hierarquização foi construída socialmente deixando à margem grupos “menos importantes” na hierárquica social, entre estes grupos estão as mulheres, suas produções e seus processos de ensinar e aprender.

Assim, o desejo é que esta investigação possa em alguma medida mover outros escritos e reflexões de luta, isso porque o texto aqui tecido foi movido por muitos outros

realizados em toda América Latina. Isso posto, a luta continua em vários espaços, incluindo o acadêmico.

Referências

ALHEITI Peter; DAUSIEN Bettina. Processo de formação e aprendizagens ao longo da vida. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 1, jan./abr. 2006.

BARTRA, Elí. Rumiando en torno a lo escrito sobre mujeres y arte popular. *La ventana* [online], Guadalajara, vol. 3, n. 28, p. 7-23, 2008.

BRANDAO, C. R. *Saber e ensinar: três estudos de educação popular*. Campinas: Papirus, 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A pergunta a várias mãos: A experiência da pesquisa no trabalho do educador*. São Paulo: Cortez, 2003.

CASTRO, Amanda Motta. *Fios, tramas, cores, repassos e inventabilidade: A formação de tecelãs em Resende Costa, MG*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências Humanas. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2015.

DEIFET, Vanda. O corpo e o cosmo. In: TIBIRI, Marcia; MENEZES, Magali; EGGERT, Edla. *As mulheres e a filosofia*. São Leopoldo: UNISINOS, 2002.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Revista Educar*, Curitiba, v. 24, n. 24, 2004.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. Um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. *A Educação na cidade*. Cortez Editora; 1991.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. *Política e educação: ensaios*. São Paulo, editora Cortês, 2001.

GAJARDO, M. *Pesquisa participante na América Latina*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GEBARA, Ivone. As epistemologias teológicas e suas consequências. In: NEUENFELDT, Eliane; BERGSCH, Karen; PARLOW, Mara (Org.). In: *Epistemologia, violência, sexualidade: olhares*, do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

- GEBARA, Ivone. *Teologia ecofeminista*. São Paulo: Olho D'Água, 1997.
- HIERRO, Graciella. *De la domesticación a la educación de las Mexicanas*. Torres Asociados, 2007.
- MAGNANI, José Guilherme C. Discurso e representação, ou de como os Baloma de Kiriwina podem reencarnar-se nas atuais pesquisas. In: CARDOSO, Ruth. *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- MEDEIROS, Mitiko Kodaira. *O segredo da trama: desvendando a comunicação na tecelagem popular brasileira*. 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Comunicação, São Paulo: Universidade Paulista, 2002.
- MOLINA, Rosane. Experiência. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). *Pesquisa social*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- NEUENFELDT, Eliane. *Diálogo entre a leitura popular e a leitura feminista da Bíblia*. Disponível em: http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos/vol4502_2005/et2005-2i_eneuenfeldt.pdf. Acesso em: out. 2012.
- NEUENFELDT, Eliane; BERGSCH, Karen; PARLOW, Mara (Org.). *Epistemologia, violência, sexualidade: olhares*. II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal, 2008.
- VIANA, Hernaldo Marelin. *Pesquisa em Educação: A observação*. Brasília: Liber Livros, 2007.
- WELLER, Wivian. Grupos de discussão: aportes teóricos e metodológicos. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle. (Org.). *Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação: Teoria e Prática*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- WELLER, Wivian. *Minha voz é tudo o que eu tenho: Manifestações juvenis em Berlim e São Paulo*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.